



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 91

## Vizinhos incômodos

**Branca Vianna:** Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna. Tem uma frase de um poema que ficou famosa, em inglês, que é: “Good fences make good neighbors”. Ou seja: boas cercas fazem bons vizinhos.

A ideia é meio: “longe dos olhos, perto do coração”. O vizinho que eu não vejo passeando peladão, que eu não escuto tocando música alta, cujo mato não invade meu quintal... esse que é um bom vizinho. A separação faz a amizade.

Infelizmente, no episódio dessa semana, a gente traz duas histórias de vizinhanças em que nunca teve boas cercas – ou em que as cercas foram totalmente desrespeitadas – com consequências nefastas pra relação entre os vizinhos, claro.

No primeiro ato, o Vitor Hugo Brandalise foi correr atrás de um bicho que nunca respeitou cerca nenhuma.

---

### ATO 1 - OS GATOS DO ARQUIVO NACIONAL

**Vitor Hugo Brandalise:** Tem um filme brasileiro dos anos 60 que eu vi uns anos atrás.

**Menino:** *Diário da Noite, Última Hora, Tribuna da Imprensa.*

**Vitor Hugo Brandalise:** Nesse filme, cinco meninos pobres do Morro do Cantagalo vão pro centro do Rio de Janeiro... pra caçar gatos.

**Narrador:** *Quando o carnaval se aproxima, os tamborins não têm preço.*

**Coro:** *"Quem quiser encontrar o amor, vai ter que sofrer, vai ter que chorar".*

**Narrador:** *Na impossibilidade de melhor material, os tamborins são feitos com couro de gato.*

**Vitor Hugo Brandalise:** Cada menino tem uma ferramenta diferente pra tentar capturar os bichos. Um deles tá num restaurante ao ar livre, vendo um cliente alimentar um gatinho... O garoto tá com um saco na mão, só esperando o melhor momento pra enfiar o gato lá dentro. Um outro menino espia pra dentro do jardim de uma mansão num bairro chique da zona sul... ele tá de olho no gato branco, gordinho e felpudo de uma madame. Cada vez que um gato tá em risco, no filme, sobe uma batida de tambor. É um som de ameaça.

O filme se chama "Couro de Gato". Foi dirigido pelo Joaquim Pedro de Andrade, com música do Carlos Lyra. E uma boa parte dele foi gravada no Campo de Santana, um parque no centro do Rio. Tipo a cena em que dois dos meninos tão num gramadão com vários gatos ao redor... Tem um guardinha escondido atrás de uma árvore, de olho neles... e os meninos tão fazendo uma armadilha, tentando atrair os gatos pra dentro de um latão.

**Vitor Hugo Brandalise:** Psst, psst, psst...

**Vivi:** Doralicee.

**Vitor Hugo Brandalise:** Cadê a Doralice?

**Vitor Hugo Brandalise:** Corta pra mais de sessenta anos depois de "Couro de Gato", eu e a Évelin Argenta, minha colega aqui na Rádio Novelo, estávamos ali, no mesmo Campo de Santana. E a gente também tava atrás de gatos.

**Évelin Argenta:** Oi, vem cá, você é falante!

**Vitor Hugo Brandalise:** Mas a gente não tava exatamente no parque. A gente tava num prédio que fica bem em frente ao parque: no Arquivo Nacional.

**Évelin Argenta:** Você é lindo. Parece um tigrinho.

**Vitor Hugo Brandalise:** Claro que a gente não tava caçando gato pra fazer tamborim. Mas a gente tava, sim, tentando atrair os gatinhos.

**Vitor Hugo Brandalise:** Cadê ele? Parece um tigrinho mesmo.

**Vitor Hugo Brandalise:** Em "Couro de Gato", o tema de fundo é a tensão que existe entre dois mundos: o espaço formal da cidade, urbanizado; e o espaço improvisado da favela – nos anos 60, mais improvisado ainda. E, no meio disso: os meninos, os gatos, e os donos dos gatos.

**Évelin Argenta:** E você é muuito dócil, né.

**Vitor Hugo Brandalise:** A gente tinha ido até o Arquivo Nacional porque lá também tava rolando um conflito. Uma espécie de guerra fria. Que levantou uma barreira entre dois mundos. E que tá rachando o quadro de funcionários de uma das principais instituições de acervo histórico do país. No centro dessa tensão – dessa crise —, o que tem... são gatos.

O Arquivo Nacional tá dividido entre dois pólos, com visões de mundo opostas... pelo menos em relação aos animais. Tem os "gateiros do Arquivo Nacional". E tem os funcionários "anti-gatos".

Não é que eles se identifiquem assim, mas uma servidora delimitou os dois times desse jeito. Eles estão disputando um mesmo território: a área de guarda de acervo do Arquivo.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ói, ó! E esse aqui, quem que é?

**Vivi:** Esse é novo, ele não tem nome ainda, não.

**Vitor Hugo Brandalise:** A gente tava gravando no lugar onde tudo começou: numa área externa do Arquivo, num estacionamento que fica no meio dos depósitos de documentos.

Tem cinco blocos de depósitos no Arquivo, que guardam mais de 60 quilômetros lineares de documentos, reunidos pelos governos brasileiros desde 1838.

Junto com a gente tava a Vivi, que é funcionária do Arquivo Nacional. Ela não tem lado no conflito, mas topou apresentar o terreno pra gente.

**Vitor Hugo Brandalise:** Lh, mas você vê, você fala com qualquer funcionário, todo mundo sabe da coisa dos gatos aqui, né?

**Vivi:** Sabe, não tem como não saber.

**Vitor Hugo Brandalise:** Por quê? Eles são muito presentes?

**Vivi:** Sim.

**Vitor Hugo Brandalise:** Os "gateiros do Arquivo" cuidam e dão carinho pros cerca de 20 gatos que moram lá. São 10 "gatos fixos", que já tão lá no Arquivo há anos, e que também são chamados de "gatos estatutários", pra usar o jargão da repartição. E tem mais uns 10 "gatos esporádicos", flutuantes, que aparecem e somem, ou que acabam sendo adotados.

Já o outro pólo nessa disputa, os "anti-gatos", é formado principalmente pelos funcionários da preservação do acervo. Que cuidam dos depósitos de documentos. E que são contrários a ter gatos circulando tão perto desses documentos.

Não é de hoje que esses grupos se batem. Mas a coisa piorou de uns tempos pra cá – teve uma escalada na crise. Porque, na época da pandemia, aumentou muito o número de animais abandonados no Campo de Santana.

E, como é só cruzar a rua... muitos gatos acabavam indo parar na área do Arquivo... e eram acolhidos. E os gatos... fazem coisas de gatos.

**Vivi:** Esses gatos que eu falei pra você, eles entravam no Arquivo, às vezes a gente tinha que tirar eles, porque eles eram muito folgados.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ah é?

**Vitor Hugo Brandalise:** Aí teve um dia que uma caixa de documentos apareceu rasgada. E, num dos buracos da caixa, tinha o quê? Um tufo de pêlo de gato.

Esse foi um ponto de virada importante no conflito. Os funcionários anti-gatos entraram com um processo administrativo contra os gatos no Arquivo Nacional.

Eu li o processo, e eles dão o tom logo de cara. Eles pedem "a remoção imediata dos gatos que circulam pelas dependências do Arquivo Nacional". Só que nunca é simples construir um caso contra gatinhos.

**Vivi:** Ih, ele é queixudo, agora que eu vi.

**Vitor Hugo Brandalise:** Opa, olha só o queixinho dele.

**Évelin Argenta:** Você parece uma panterinha

**Vitor Hugo Brandalise:** O processo ia correndo, os meses iam passando... e a ficha corrida dos gatos ia ficando mais comprida.

- Carrinho de transporte de documentos com o banco todo arranhado;
- Urina de gato nos depósitos;
- Pêlo de gato. Em vários lugares.
- Gatos descansando em cima de caixas de documentos;
- Gatos deixando "presentinhos" dentro de caixas de documentos: um passarinho morto, por exemplo.

Pros funcionários "anti-gatos", essas são todas provas de que os animais "representam um risco pra integridade do acervo arquivístico", como eles argumentaram na denúncia. É preciso pensar, abre aspas, "numa melhor solução tanto pra preservação dos documentos, quanto pros bichinhos", fecha aspas. Mas tinha mais dois itens dessa lista de irregularidades que deixaram os opositores dos gatos ainda mais ouriçados:

- Tigelas com água e ração distribuídas pelas portarias e corredores do Arquivo.
- E caixas de papelão pra descanso dos animais.

(Tem foto disso tudo no site da Rádio Novelo, tá?) Mas, com esses dois últimos itens da lista, os anti-gatos entenderam que os inimigos deles nessa guerra fria não eram os gatinhos. Os inimigos eram os gateiros.

Esse processo foi aberto em 2021, e em meados de 2024, ainda tava correndo. Foi nessa altura que eu resolvi ouvir os dois lados desse conflito. E ainda arrastei a Évelin comigo, pra ser mais uma testemunha.

**Betinho:** Essa é a Kátia Flávia.

**Vitor Hugo Brandalise:** Kátia Flávia?

**Évelin Argenta:** Kátia Flávia!

**Betinho:** É.

**Vitor Hugo Brandalise:** Junto com a Kátia Flávia veio uma pessoa que eu tinha que ouvir.

**Vivi:** Oi, Betinho! Esse é o Betinho.

**Évelin Argenta:** Oi, Betinho, prazer!

**Vitor Hugo Brandalise:** O Betinho é um dos principais porta-vozes da causa dos gatos.

**Betinho:** Meu nome é Roberto Montero, mas se falar, se procurar Roberto Montero, ninguém vai saber quem é. Aí todo mundo conhece como Betinho.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Betinho é operador de áudio no Arquivo Nacional... e integrante da "CoCat" – a "Coordenação dos Gatos do Arquivo Nacional", uma repartição que eles inventaram pra se definir. O Betinho é gateiro desde o primeiro dia no serviço.

**Betinho:** Aí quando eu cheguei aqui, eu vi os gatos, eu fiquei sensibilizado porque era muito gato, entendeu?

**Vitor Hugo Brandalise:** Mas ele não foi o primeiro. Quando ele chegou, já tinha uma colega do Arquivo nessa missão.

**Betinho:** Que cuidava sozinha dos gatos. Eu vi aquilo de longe e ficava chateado, né? Porque, poxa, tinha que ter alguém ajudando, né, porque eu via, ela chegava, aí dava o almoço às crianças, botava sachê, não sei quê e tal.

**Vitor Hugo Brandalise:** Crianças?

**Betinho:** As crianças são os gatos [risos]. São eles, são os meus filhotinhos, né? E era meio ermo a limpeza deles. Aí eu passei a

colaborar, lavar um pote, eu ia colocar água no pote pra eles, catar os potinho do chão.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Betinho é o responsável pelo que virou uma tradição no Arquivo Nacional.

**Betinho:** É porque os gatos, antigamente, não tinham nome.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ele começou a botar nome nos gatos. Por uma questão prática.

**Betinho:** É bom a gente batizar pra poder identificar, porque eles viviam presos nesses depósitos. Aí já teve ocasião de a gente chegar e procurar um gato uma semana e estava preso num depósito daqui, no depósito de lá. E aí eu queria batizar pra poder chamar, e eles responderem, nem que fosse miando, não sei quê.

**Vitor Hugo Brandalise:** Pro Betinho, esse é o cerne do conflito.

**Betinho:** Isso aqui é tudo aberto.

**Vitor Hugo Brandalise:** De novo, a culpa não é dos gatos. É dos humanos.

**Betinho:** O que acontece aqui é o seguinte: as pessoas não têm noção. É, aí chega e fala: "Não, o gato está invadindo aqui..." Claro, aquilo lá fica porta aberta o dia inteiro. Aí o gato ficava preso. Aí "ah, rasgou a caixa de papelão". Porra, se bobear entra até um cavalo ali.

**Vitor Hugo Brandalise:** Então o problema não é o gato aqui fora, é o lugar mal fechado?

**Betinho:** Exatamente, porque aí, mó discurso, que a gente tem que preservar os documentos, o Arquivo, não sei quê, bababa... Cara, então mantém a porta fechada. Você deixa a porta do cofre aberta? Entendeu? Você deixa a tua bolsa aberta no ônibus?

**Vitor Hugo Brandalise:** Porque pra vocês não é questão que o gato não tem que ficar dentro de onde ficam os documentos.

**Betinho:** É lógico, eles ficam fora. Mas eu quero que as portas estejam fechadas. Realmente você não pode deixar essa porta ali aberta. Tava tudo aberto.

**Vitor Hugo Brandalise:** Eles ficam dentro do Arquivo, mas aqui no estacionamento.

**Betinho:** Exato. Exato.

**Vitor Hugo Brandalise:** Limitar os gatos na área do estacionamento. Pros gateiros do Arquivo, a solução é essa – uma política de contenção. E – como eles disseram nas reuniões sobre o processo contra os gatos – essa política tinha uma vantagem.

**Betinho:** A gente falou isso. A gente argumentou, contra-argumentou dizendo o seguinte, assim: aqui, você vê um ambiente aberto, mas você não tem notícia de "lh, teve um rato que deu na minha sala". Tem um lado muito positivo do gato, de você ter gato no ambiente, é os ratos não fazerem ninho ali.

**Vitor Hugo Brandalise:** Lembrando que a vizinhança é basicamente deles – dos gatos.

**Betinho:** E o entorno todo aqui, todo o entorno é cheio de gatos. Se você sair aqui e andar nessa rua, essas lojas de azulejo não sei quê, tem gato. E tudo sem castrar, né. Os gatos tudo largado. Aqui atrás tem uma escola, um espaço grande e cheio de gato, sem castrar. Aí sai filhote, os filhotes vêm, entram pra cá. Eles andam, saem, se aventuram e vêm parar aqui. Aí chega aqui pelo menos, assim que a gente pega, a gente arranja um esquema, a gente bota pra castrar.

**Vitor Hugo Brandalise:** Esses gatos são todos castrados?

**Betinho:** Todos eles são castrados, com exceção desse pequeno. Cadê o Pouca coisa?

**Vitor Hugo Brandalise:** Aquele do queixinho, lá?

**Vitor Hugo Brandalise:** O Betinho tava ali falando com a gente, mas a cada pouco era interrompido – por uma das crianças.

**Betinho:** Porque aí o pessoal vivia reclamando “Ah, porque tem xixi aqui, tem no sei o quê” A gente queria concentrar eles nessa área aqui. Lá vem o fofoqueiro aí, ó.

**Vitor Hugo Brandalise:** Nessa hora quem chegou foi o Pirralho...

**Betinho:** Ó o Pirralhinho, esse é o novo morador. Ele é fofoqueiro, é moleque, é barra pesada.

**Vitor Hugo Brandalise:** Quem é contra os gatos bate muito na tecla das tigelas espalhadas nas entradas e nos corredores.

Quando eu entrei no Arquivo, eu vi os potes com água e ração, os funcionários brincando com os gatos... eu vi um segurança espantando um gato... pra dentro do Arquivo. E tem mais.

**Betinho:** Vamos ali que eu vou te mostrar.

**Vitor Hugo Brandalise:** Tem toda uma estrutura montada pros gatos no Arquivo.

**Betinho:** A gente fez as casinhas para inverno, para friagem. A gente traz uns mantinhas. A gente comprou as caixinhas, abrimos ali, a gente forra a caixinha para eles dormir ali se quiserem. Aqui está o caminhão. Tá vendo?

**Vitor Hugo Brandalise:** Tem um caminhão de carga velho da Mercedes Benz, meio enferrujado e com os pneus murchos, enguiçado ali no estacionamento do Arquivo.

**Betinho:** Ó como é que essa coisa evoluiu, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Evoluiu porque agora os gatos têm uma alternativa pros depósitos de documentos. Esse caminhão virou casa oficial dos gatos do Arquivo.

**Vitor Hugo Brandalise:** Tem uns tapetes aí de...

**Betinho:** Tem, tem, tem de espuminha. Aí aqui, a gente conseguiu botar essa torneira aqui pra poder lavar as coisas...

**Vitor Hugo Brandalise:** Tem as água pra eles...

**Betinho:** Isso aqui é a comida pro filhote, pro tal do Pouca Coisa. E aqui é a comida dos dois, do resto. Tem dois sabores, porque um... A Doralice só gosta daquela ração, aí o outro só gosta dessa ração. Aí tem que ter a variedade, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Tem um brinquedinho aqui também?

**Betinho:** É.

**Vitor Hugo Brandalise:** Mas de onde veio esse caminhão?

**Betinho:** Era um caminhão aqui do Arquivo, que era pra entrega de material, pra buscar material de doação, não sei quê e tal. Aí o caminhão quando deu defeito, a gente falou assim "Graças a Deus, vamos parar ele num canto, que a gente use ele como um abrigo dos gatos". Facilitou muito a vida dos gatos. Facilitou a nossa também, é lógico.

**Évelin Argenta:** E ninguém nunca reclamou que ele tá aí parado?

**Betinho:** Não, porque ele deu problema, eles queriam comprar outro caminhão. E graças a Deus, não chegou o caminhão novo. Espero que esse caminhão fique bastante tempo aí, e que não conserte esse caminhão que, enfim, pros gatos e pra gente foi uma maravilha, entendeu?

**Vitor Hugo Brandalise:** Pros gateiros, o caminhão tinha potencial de cumprir uma missão maior.

**Betinho:** Para eles se concentrarem num lugar só, porque eles se espalhavam pelo Arquivo inteiro.

**Vitor Hugo Brandalise:** Era pra ser um gesto de paz.

**Betinho:** A gente não queria eles andando para lá para não chamar a atenção. Tem gente que reclama, ninguém é obrigado a gostar de gato, entendeu? A gente gosta porque a gente gosta. Mas a gente pra evitar esse tipo de atrito com essas pessoas que não gostam de gato, que tem alergia, e não interessa, não gosta, pronto. E a gente queria evitar esse contato, então.

**Vitor Hugo Brandalise:** Mas não funcionou. Primeiro, porque os gatos não entendem o caminhão como a única base deles. Gato fazendo coisa de gato.

E os funcionários anti-gatos também não gostaram de saber que agora tinha um gatódromo oficial da repartição. O atrito só aumentou.

**Funcionária:** A Doralice. Se tu falar que vai levar a Doralice tem até morte.

**Vitor Hugo Brandalise:** Por que, a Doralice os seguranças gostam?

**Funcionária:** O quê? Aquela gata é do caramba!

**Vitor Hugo Brandalise:** Bom, vamos lá então pro escritório do Franz pra ver se ele recebe a gente.

**Franz:** Já está gravando?

**Vitor Hugo Brandalise:** Tá gravando.

**Franz:** Então, boa tarde.

**Vitor Hugo Brandalise:** Esse é o Franz Borborema. Ele é um dos responsáveis pela gestão de depósitos do Arquivo.

**Franz:** Eu me chamo Franz, eu trabalho aqui no Arquivo Nacional desde 2006, quando eu passei no concurso.

**Vitor Hugo Brandalise:** A gestão de depósitos é, basicamente, como é que é a função?

**Franz:** Sim, principalmente a questão da manutenção de infraestrutura pra ver se os depósitos estão todos eles de acordo, limpos e de acordo com a questão de asseio, que isso é fundamental para a preservação de documentos.

**Vitor Hugo Brandalise:** E, Franz, sob a tua responsabilidade, digamos, no teu cargo, na tua função, estão quantos documentos?

**Franz:** São 54 depósitos de documentos, então são todos os depósitos do Arquivo Nacional. Os documentos que o Arquivo Nacional guarda sob sua responsabilidade são inestimáveis. Uma perda de qualquer que seja um documento, é irreversível. Porque são documentos únicos e ele dizem respeito também à vida de muitas pessoas, questão de nacionalidade, temos documentos relacionados a escravos, à demarcação de terras. Documentos do Poder Executivo, que é 90% do acervo, e do Legislativo, Judiciário, alguns fundos privados também, que vêm desde a época colonial, Império, República, tem uma vastidão de fundos aqui e todo ele de extrema relevância para a população.

**Vitor Hugo Brandalise:** Sabendo disso... quando o Franz tromba com um gato nos corredores do Arquivo, ele tem um protocolo.

**Franz:** Toda vez que eu vejo um gato circulando por uma área que possa dar acesso a documentos, eu enxoto o gato. Eu bato palma, falo: "Sai, sai, sai".

**Vitor Hugo Brandalise:** Quer dizer: tem os gateiros, e tem os anti-gatos.

**Vitor Hugo Brandalise:** Você gosta de gatos?

**Franz:** Gosto, gosto muito.

**Vitor Hugo Brandalise:** Mas, quando chega no Franz, o conflito acontece dentro dele mesmo.

**Vitor Hugo Brandalise:** Como é que é, você tem gato em casa?

**Franz:** Eu já tive dois. Agora estou com uma gata só. Gato é aquela coisa envolvente, porque é o gato que escolhe o dono. Ele tem um jeito próprio, que ele se aproxima. Aí com o tempo você percebe que você tá dormindo e o gato está dormindo em cima de você. Você tá mexendo no celular, ele vem com a cabecinha que ele quer que você faça carinho. E você chega em casa, ele chega miando: "Miau!" Ou seja: "Opa, chegou!" Eu gosto muito de gatos. É o meu animal preferido.

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu não tenho gato, mas eu concordo com o Franz que é um bicho envolvente. Tanto que, nessa reportagem, todas as pessoas que eu entrevistei, em algum momento, miaram. Até eu acabei miando uma hora.

**Vitor Hugo Brandalise:** A tua gatinha é dessas?

**Franz:** É Judite que ela se chama.

**Vitor Hugo Brandalise:** Judite.

**Franz:** Isso.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Judite, ela é dessas que vem desse jeitinho que você falou, vem de ladinho e chama atenção quando você tá fazendo outra coisa?

**Franz:** Sim, sim, ela vem com a patinha, esfrega a cabeça, vira de barriga pra cima na cama, pedindo: "Ah, me dá um carinho na minha barriga". Assim, ela é um amor.

**Vitor Hugo Brandalise:** Na esfera pessoal, o Franz ama gato. Mas, na esfera profissional, dentro do Arquivo... é outra história.

**Franz:** Olha só, gatos num local de arquivo, de guarda de documentos, não é adequado. Nós já tivemos casos de gatos em vários depósitos. Tivemos briga de gato aqui dentro, de os gatos se

pegarem e ter aquele monte de pêlos, assim, espalhados, até com um pouquinho de sangue, porque os gatos também entram pelas janelas.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Franz trabalha na Copac, a Coordenadoria de Preservação do Acervo do Arquivo Nacional – um órgão oficial –, que tem como função invisível fazer oposição à sigla extra-oficial da CoCat.

E o Franz acabou se incumbindo do papel de principal arquiteto do caso contra os gatinhos do Arquivo. É curioso perceber, nas comunicações internas, os dois lados do Franz. Ele tá lá todo gateiro dizendo: *"Por mais que estes animais sejam graciosos..."* E aí, vem o anti-gato: *"é necessário retirá-los..."*

E os argumentos: *"Neste mês de abril, tivemos uma ninhada de gatos no depósito BD-105."* E tão lá as fotos: três filhotinhos, um cinza, um preto e um malhado, e a mãe, cinzinha, escondidos entre caixas de documentos do ano de 1989.

E teve um outro fato novo que o Franz descreveu: *"Tivemos uma ocorrência nova: fezes sobre documentos no depósito F-109"*. E aí a imagem de um cocô de gato em cima de uma pilha de documentos produzidos entre 1943 e 1947.

Teve ainda pelo menos um caso de documento rasgado – ninguém fez o flagrante, mas as marcas de garras não ajudam o caso dos gatinhos.

**Franz:** Pode causar um dano sério ao documento. O Arquivo Nacional, desde que eu cheguei aqui, já tinham gatos. Só que foi se multiplicando. Só que hoje uma coisa que está acontecendo é a normalidade de um gato frequentar o ambiente da recepção, por exemplo. Aqui nesse prédio, entrar no outro... foi normalizado isso. Ou seja, em vez de eles ficarem fora, agora eles estão dentro da dependência do Arquivo.

**Vitor Hugo Brandalise:** Quando você fala assim, "nós da conservação somos contra animais dentro do Arquivo Nacional"... parece uma coisa meio óbvia, né. E ainda assim a gente está discutindo isso. Por que que ela é complexa?

**Franz:** Porque a gente solicita... E essa decisão tem que ser tomada pela administração de como fazer a remoção desses animais. Só que eles dizem que não tem como. E também não oferece nenhuma alternativa. Eu acho que, por mais que eles sejam carinhosos, é necessária uma política para que esses animais sejam removidos do

Arquivo pra uma outra instituição que trabalhe com proteção animal, que possa cuidar desses animais, conseguir adotante, e também que a instituição tenha uma postura, uma decisão de falar: "Olha, os animais, por mais belos que sejam, não podem ficar dentro de um ambiente de Arquivo". Porque no mundo todo não é recomendado – não vou nem dizer – é proibido a presença de animais.

**Vitor Hugo Brandalise:** Pois é. Eu queria saber como a direção do Arquivo Nacional tá vendo isso tudo. No manual de gestão de acervo da Biblioteca Nacional, um dos documentos de referência nessa área da arquivologia no Brasil, tem lá uma subseção intitulada "pragas", e cita textualmente "evitar alimentar gatos no entorno do prédio".

Quer dizer: tem uma diretriz – ou uma "doutrina" – conhecida pra questões como essa, em outras instituições de referência.

Por que que a direção do Arquivo Nacional – as direções que tiveram no comando ao longo de todos esses anos, né? – por que elas nunca se posicionaram sobre a presença dos gatos? A direção tá ignorando o apelo dos servidores responsáveis pela conservação dos depósitos? Ela entende que os documentos não são sob risco?

Eu fui atrás da atual direção, e pedi uma entrevista. E eles me responderam assim: "A direção decidiu declinar do convite pra entrevista, e não comentar o tema neste momento".

Uma resposta super educada, né? Mas que bate de um jeito meio esquisito – se a gente pensar que é um órgão público se negando a falar sobre um tema que pode até parecer só uma coisa curiosa, mas que fala de um potencial risco ao patrimônio histórico nacional, né?

Eu queria pelo menos tentar entender por que que o assunto gatinho é tabu dentro da direção do Arquivo Nacional no Rio de Janeiro. Então eu procurei algumas pessoas familiarizadas com o pensamento da atual gestão. Ninguém quis gravar, porque, como disseram, "o assunto é delicado". Mas o que eu aprendi foi:

A atual direção entende que "a situação não é a ideal". E que representa "um risco" – ainda que "controlado" – ao acervo. Os gatos seriam parte de um "conjunto de

riscos" que foram sendo "naturalizados" ao longo dos anos, e com os quais essa direção, que assumiu em 2023, agora tem que lidar. Então eles querem fazer "costuras internas" com os dois lados, antes de "anunciar qualquer solução".

No processo dos gatos, o Franz mesmo aponta vários problemas estruturais nos depósitos: portas que não fecham, janelas emperradas, grades faltando, vidros quebrados. E ele me disse que recebeu um sinal da diretoria de que vai ter orçamento pra esses reparos.

Quer dizer: alguma coisa vai ser feita. Mas então por que a direção não trata logo desse assunto publicamente? Será que isso não podia ajudar a diminuir a tensão lá dentro?

Um desses funcionários ligados à direção me disse uma coisa que, no fim, é bem evidente: é difícil encontrar uma solução que contente a todos, num assunto que "envolve questões afetivas".

É que os gatos sempre tiveram presentes nessa sede do Arquivo Nacional. E justamente por causa do vizinho da frente: o Campo de Santana. Sempre teve muito bicho no Campo de Santana: pavão, ganso, garça, cotias – muitas cotias. Esses bichos tão por lá desde que o parque foi criado, no século 19.

Não dá pra saber quando foi que os primeiros gatos chegaram no Campo de Santana, mas olhando os registros na Hemeroteca da Biblioteca Nacional dá pra ter uma ideia.

Em julho de 1960, o Correio da Manhã publicou uma reportagem falando de como a população de gatos no Campos de Santana só aumentava. A foto da reportagem é de uma mulher agachada, alimentando nove gatinhos.

Essa mulher conta que ela "alimentava os gatos do Campo de Santana há 30 anos" – desde a década de 30, portanto. Então dá pra dizer que tem gato lá na vizinhança há pelo menos uns 90 anos. Já o Arquivo se mudou pra atual sede muito mais tarde, só em 1985. Quer dizer: os gatos chegaram primeiro. E agora?

Naquela reportagem de 1960, o Correio da Manhã chama o Campo de Santana de "Éden felino" – um lugar onde os gatos têm liberdade, espaço e almas caridosas que cuidam deles. E o que que o vizinho da frente, o Arquivo Nacional pode fazer em relação a isso – a ficar bem no meio de um território historicamente ocupado pelos felinos? Nada. Não tem como mudar isso.

E eu acabei entendendo um pouco o lado da diretoria do Arquivo Nacional. Porque, no fim, essa é uma questão que foge à lógica. Não faz sentido ter gato dentro de um arquivo, uma instituição cuja finalidade é, textualmente, como tá na lei, "preservar os documentos de valor legal, administrativo ou histórico" do país.

Mas, quando a gente tá falando de bicho, e de bicho de estimação, a gente age de um jeito que não é regido pela lógica. Atire a primeira pedra quem nunca fez nada ilógico, quem nunca contorceu a vida pra acomodar um bichinho dentro dela.

**Betinho:** Kátia! Aí a Kátia! Aqui, ela vem, ela vem. Olha só, olha só. Ela tava deitadinha, ela levanta. Tá vendo? É importante o nome.

**Franz:** Eu amo muito os gatos. Só que a questão é: a presença deles aqui é um risco.

**Vitor Hugo Brandalise:** Sim, parece um pouco mais lógico, mas por outro lado, o que eles dizem é isso: então é pelo bem estar animal, e pelo apego que criaram a esses animais específicos, também.

**Franz:** Também, sim.

**Vitor Hugo Brandalise:** Que você consegue entender...

**Franz:** Cada um deles tem um nome, inclusive...

**Vitor Hugo Brandalise:** Sim... que você consegue entender, porque você também tem a Judite.

**Franz:** Tenho, tenho a Judite. Deus me livre se acontecer alguma coisa com ela. [risos]

**Vitor Hugo Brandalise:** Então, como é que fica isso, esses gatos são as Judites deles...

**Franz:** Sim, só que cada gato tem um contexto. Uma coisa é um gato dentro de uma residência.

**Vitor Hugo Brandalise:** Porque eu tô pensando em questões... Não quero, assim, forçar uma barra contra gato, sabe...

**Franz:** Ai de você! Depois o pessoal voa em cima de você, quero ver você se virar com eles...

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu não queria ninguém voando pra cima de mim. Por mais que às vezes eu sentisse que eu tava bem no meio de um barata-voa.

**Franz:** O Arquivo Nacional começou a ter vários problemas de pulgas.

**Vitor Hugo Brandalise:** Pulgas. A parte do processo contra os gatinhos que cita a infestação de pulgas no Arquivo eu preciso dizer que me impressionou.

**Cristina:** Descobriram uma infestação de pulgas aqui no bloco F. E foi assim, não sei se você já viu pulga, é uma coisa...

**Vitor Hugo Brandalise:** Essa é a Cristina.

**Cristina:** Cristina Flores Penha Valle.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ela também é gateira – na esfera pessoal. Mas pulga num arquivo...

**Cristina:** Gente, porque o bichinho é muito levezinho, então quando tem uma infestação fica como se fosse uma nuvem. Tipo aquelas coisas de pragas do Egito?

**Franz:** Aí o Arquivo ele gasta uma quantidade considerável de verba para fazer várias dedetizações periódicas aqui, por causa da pulga.

**Cristina:** E aí quando as pulgas começaram a emergir, você imagina assim, pra começar a vir nuvem de pulga é porque o negócio já tava fora de controle. Então uma coisa que funciona pra pulga é aspirador de pó.

**Franz:** E a grande suspeita é que foram os gatos que trouxeram essas pulgas para cá.

**Vitor Hugo Brandalise:** Bom, mas aí – também – tem uma divergência.

**Cristina:** Você tem que passar aspirador de pó, porque como o bichinho é leve, fica voando... Tem que aspirar inclusive nas frestas.

Então, o que aconteceu? Na verdade, não foi um gato. Depois descobriram que foi uma gambá.

**Franz:** Teve um técnico que percebeu e confirmou que é proveniente dos gatos.

**Cristina:** Porque é isso: o Arquivo está aqui, de frente para o Campo de Santana, que tem mato, tem lago. Tem também os gambás que rondam à noite. Então foi uma gambá que, assim como o gato, se entoca para poder parir os filhotes. E ela entrou numa fresta de um prédio mal conservado e se alojou no subsolo.

**Franz:** Só que depois as gambás foram retiradas, tivemos novamente problemas de pulgas, em anos sucessivamente.

**Vitor Hugo Brandalise:** É de ficar zozinho mesmo nessa rinha de gato e gambá no meio do apocalipse egípcio dos documentos.

Tem até um e-mail enviado à direção, assinado pelo controle biológico do Arquivo, que diz que não importa o animal que deu origem à infestação. O problema é a comida no entorno dos depósitos. Atrai gato, gambá, pombo... só as cotias nunca apareceram por lá – será que cotia sabe atravessar a rua?

Mas eu vou focar nos elementos que a Cristina citou: "prédio mal-conservado" e "bichos alojados" nos depósitos... Os pontos-chave do conflito entre gateiros e anti-gatos.

**Cristina:** Eu acho que sempre fica naquela: a pessoa fala, mas aí vê que a briga vai ser grande...

**Vitor Hugo Brandalise:** Porque eles fazem o quê? Por que que a briga vai ser grande?

**Cristina:** Porque além do Betinho, tem todos os gateiros do Arquivo Nacional, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Que fazem o quê?

**Cristina:** "Não, não vai..." "Vai tirar daqui pra colocar onde?", e tal...

**Vitor Hugo Brandalise:** E sem algum órgão de mediação, será que dá pra sair desse balaio com alguma solução?

Na pesquisa pra essa história, gateiros e anti-gatos convergiram em um ponto, que podia até virar um pacto pra ajudar a descongelar as relações. Os dois pólos falaram na necessidade de reforçar campanhas de adoção. Os gateiros já fazem as deles.

**Cristina:** Acontece, mas acontece de maneira muito... no grupo do zap, dos Gatinhos do AN, entendeu? E poderia acontecer de uma forma mais, mais aberta mesmo, né, mais institucional que fosse, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Se a gente quer proteger os documentos e os gatos, campanhas de adoção parecem um caminho promissor. Tem até um perfil de adoção no Instagram que divulga os gatinhos encontrados no Campo de Santana e arredores – o endereço tá no site da Rádio Novelo.

Agora, quanto a institucionalizar, como a Cristina falou... a direção do Arquivo Nacional não tá nem lá nem cá. Não quer ser contra os gatos... Mas também não quer abraçar a causa. Fica então o meio termo. A gambiarra, que é ruim pra todo mundo. Ruim pros gateiros, que se desdobram pra manter tudo ali no improvisado; Ruim pro pessoal da preservação, que perde tempo alimentando processo e registrando os passos dos gatinhos... E ruim pros gatos, que vivem no meio desse misto de cuidado e desconfiança.

No clímax de “Couro de Gato”, cada menino tá correndo pela cidade, carregando um gato no colo, e com alguém correndo atrás – a madame, o guardinha, o garçom.

**Garçom:** *Pega, pega, pega!*

**Gato:** *Miééé!*

**Vitor Hugo Brandalise:** Até que os garotos entram na favela, e a perseguição acaba. Essa turma do asfalto não sobe o morro. Tem um muro intransponível entre esses dois mundos. Mas, no Arquivo Nacional, tem um gatinho que já pulou esse muro. Talvez esse gato possa trazer uma solução.

**Betinho:** O Salomão.

**Vitor Hugo Brandalise:** Uma solução... salomônica.

**Betinho:** Tem um capítulo à parte, o Salomão é uma figura.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Salomão, pelo que me falaram, era tipo um "gato oficial" do Arquivo Nacional.

Eu tava seco pra conhecer o Salomão, desde que eu soube desse conflito dentro do Arquivo. Só se falava do Salomão, que o Salomão é lindo, é inteligente, conhece todo mundo... Eu fiquei curioso, até perguntei: mas por que que ele se chama "Salomão"? "Porque ele é rei", uma gateira me disse.

**Betinho:** É um gato que vai vir gente na próxima encarnação, sim! E ele entrava na sala, participava de live, era o mais popular aqui no Arquivo. O Salomão gostava de gente, então ele cruzava isso aqui com aquele rabo embandeirado, né? E saía desfilando, né? E fazendo assim, e aquele rabo sacudindo assim, e ele rodava e falava com todo mundo. E ele descobriu onde era a minha sala e aí fodeu.

**Betinho:** Psiu, Salomão.

**Salomão:** Méu!

**Betinho:** É sério isso, vai ficar aí em cima?

**Salomão:** Miuu...

**Vitor Hugo Brandalise:** Esse é um vídeo que o Betinho gravou e compartilhou comigo – dele tentando negociar pro Salomão sair de cima da mesa dele.

**Betinho:** Então, todo dia ele chorava na porta da sala, que eu não cheguei ainda, ele chorava lá e o pessoal: "Betinho, o cara tá aqui na tua porta chorando, você não chegou ainda, não sei o quê".

**Vitor Hugo Brandalise:** Quando eu fui lá no Arquivo, o Salomão já não tava mais lá atrás do Betinho.

**Betinho:** Aí a colega aqui adotou, adotou ele e o Pepe.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Salomão e um outro gato estatutário foram adotados. Adotados por uma arquivista.

Quer dizer: se o Arquivo Nacional não pode adotar os gatos, os arquivistas podem. Muitos já adotaram – a Cristina, o Betinho, eles já adotaram vários gatos. Eles

aproveitam um amor que já existe... e tiram os gatos do Arquivo Nacional – mas sem que o Arquivo saia totalmente da vida dos gatos.

Teve até despedida quando o Salomão foi embora. Teve bolo, teve gente chorando... "Foi uma comoção". Eu recebi uma foto do Salomão na nova casa dele. Ele tá todo aconchegado em cima da mesa da arquivista que adotou ele.

É uma escrivaninha cheia de papéis, de pastas e de livros, incluindo dois volumes do "Guia Brasileiro de Fontes Arquivísticas"... O Salomão tá deitado, de olhos fechados e uma cara bem satisfeita. Podendo ficar em paz em cima dos documentos.

---

**Branca Vianna:** Essa história foi produzida pelo Vitor Hugo Brandalise.

No segundo ato de hoje, o que tá tumultuando a vizinhança não é um bicho adorável: é um clássico do cinema mundial. Essa história quem conta é a Bia Guimarães.

E só um alerta antes de começar: essa história faz referência a um *certo filme de terror icônico* envolvendo assuntos diabólicos. Então, se isso não for sua praia, escute com cuidado.

---

## ATO 2 - "O EXORCISTA" EM PANAMBI

**Bia Guimarães:** Eu não tenho nenhum dado oficial pra comprovar isso que eu vou dizer... mas eu chuto que a virada de 73 pra 74 provavelmente foi o período em que as salas de cinema registraram mais gritaria, desmaios, crises de pânico... e de vômito.

Foi quando estreou o filme "O Exorcista", do William Friedkin. As reportagens da época mostram as pessoas nos Estados Unidos saindo do cinema pálidas, com a perna bamba, assustadíssimas.

**Garota 1:** *God, it was so scary, the bed was shaking...*

**Garota 2:** *I passed out...*

**Bia Guimarães:** Hoje em dia, a cena da menina Regan se estrebuchando na cama, girando a cabeça 360 graus, descendo a escada toda retorcida, falando com aquela voz de possuída...

***Filme "O Exorcista"***

***Regan em voz demoníaca: Keep away! The sow is mine!***

**Bia Guimarães:** ... já não causa mais o mesmo efeito.

A gente tem mais vontade de rir do que de gritar. Quer dizer... não eu, que fique claro! Como grande admiradora do gênero do terror, eu levo "O Exorcista" muito a sério.

Ali nos anos 70, o filme teve um impacto absurdo. As pessoas passavam horas em filas quilométricas só pra tentar assistir. Eu digo tentar não só por causa da lotação, mas porque muita gente realmente não aguentava ficar na sessão até o final.

***Garota 3: I don't wanna see it, but my curiosity is killing me.***

**Bia Guimarães:** Fosse pelas reações do público, pelos recordes de bilheteria, pelas histórias bizarras – verídicas ou não – que aconteceram nos bastidores, ou pela arte do cinema mesmo, tava todo mundo falando d'"O Exorcista".

Muita gente falando mal, inclusive. Tinha padre com medo do filme passar uma imagem errada sobre o exorcismo e o papel da igreja católica... Tinha psiquiatra e psicólogo preocupado das pessoas confundirem as coisas e, sei lá, acharem que os problemas psíquicos delas tinham uma causa exterior, do além.

Mas nada disso atrapalhou o sucesso do filme. Muito pelo contrário.

Rolavam boatos de que a fita não ia ser exibida no Brasil, que a censura ia barrar... Mas no final de 74 o filme começou a chegar nos cinemas daqui.

Uma matéria da Folha de S.Paulo conta que o trânsito do centro de São Paulo chegou a ficar travado por causa da estreia no antigo Cine Majestic.

Teve cidade com relato de desmaio, de gente que teve que ir do cinema direto pro hospital... Mas, no geral, esse tipo de bafafá não foi tão comum por aqui como foi na gringa. Só que teve um lugar no Brasil... onde o bafafá foi... diferente.

**Ariel Engster:** Na medida que a pessoa vai morando lá, ela vai, em algum momento ouvir de alguém a história de quando exibiram "O Exorcista" em Panambi.

**Bia Guimarães:** O Ariel Engster foi quem me apresentou essa história.

**Ariel Engster:** Eu sou jornalista, estudante de História, moro em Porto Alegre. E eu cresci em Panambi.

**Bia Guimarães:** O Ariel não lembra exatamente de quando ou de quem ele ouviu essa história pela primeira vez. Mas ele descobriu mais detalhes do que aconteceu lendo a pesquisa de mestrado da Eliane.

**Eliane de Mello:** É um episódio que parece pitoresco, né, mas que ele revela muito da cultura local, da identidade e dos conflitos desse lugar aqui que eu moro, né.

**Bia Guimarães:** Já faz quase 20 anos que a Eliane de Mello investigou esse episódio pitoresco pro mestrado dela. E hoje em dia ela é professora em Panambi.

**Eliane de Mello:** Que é essa cidadezinha do noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

**Bia Guimarães:** Panambi fica a uns 370 quilômetros de Porto Alegre, e tem pouco mais de 40 mil habitantes. Dá pra perceber a influência da imigração alemã na arquitetura da cidade, nos sobrenomes...

Panambi fica numa região que tem bastante produção de soja, de milho, de trigo... E tem muita indústria de máquinas agrícolas ou de processamento de grãos. Quando essa história aconteceu, ali nos anos 70, tava rolando um boom na economia de Panambi. Talvez tenha sido isso que atraiu um dos personagens-chave dessa história. O Walter Furtado.

**Ariel Engster:** O Walter Furtado, ele é um cara de Curitiba.

**Bia Guimarães:** Que tinha 25 anos na época.

**Ariel Engster:** E ele vai para Panambi em busca de trabalho. Não sabe muito bem, mas provavelmente foi em busca de trabalho.

**Bia Guimarães:** Eu queria muito ter localizado o paradeiro do Walter pra ouvir tudo isso direto dele. Mas eu não consegui, e a Eliane, na época da pesquisa dela, também não.

**Eliane de Mello:** O Walter Furtado, não...

**Bia Guimarães:** Então aqui ele vai ser o nosso *forasteiro misterioso*.

**Ariel Engster:** Ele chega lá e ele vai procurar um negócio pra tocar. E o Cine Metro, que era o cinema lá de Panambi, ele estava disponível para aluguel.

**Bia Guimarães:** O Cine Metro ficava no centro da cidade. Era a única sala de cinema de Panambi. E ela andava parada fazia um tempo. Então o Walter olhou praquilo e viu uma oportunidade de negócio. Ele decidiu alugar o cinema.

E ali por volta de setembro de 1975, ele teve uma ideia que prometia dar uma chacoalhada no público.

**Eliane de Mello:** Ele teve a ideia infeliz de passar esse filme – ideia infeliz não, porque era um filme que estava em evidência na época, né?

**Bia Guimarães:** Um filme que tinha sido lançado dois anos antes, mas que ainda tava chocando o mundo inteiro.

**Ariel Engster:** O cara vem e resolve passar "O Exorcista".

**Bia Guimarães:** Naquele momento ainda não tinha videolocadora... O VHS ainda não tinha se popularizado... Muita gente ainda nem tinha TV em casa. Pra ver o filme do momento, você tinha que esperar ele chegar num cinema perto de você.

Devia ter um tanto de gente em Panambi que já tinha ouvido falar d'"O Exorcista" no jornal ou na rádio e tava curioso com aquele frenesi global. Botar a menina Regan na tela do Cine Metro era garantia de fila, de sala lotada... e de bafafá.

**Bia Guimarães:** Ele não fazia ideia do enxame que ele estava cutucando, né?

**Eliane de Mello:** Eu acho que não [ri]. Ele não fazia ideia, ele não fazia ideia.

**Ariel Engster:** Só que ele vai anunciar a exibição d'"O Exorcista", e isso não vai ser muito bem recebido na cidade.

**Bia Guimarães:** A notícia mal começou a circular e já atiçou a reação dos críticos. Não os críticos de cinema, nem os padres ou os psiquiatras.

**Ariel Engster:** A Igreja Católica nem se posicionou muito assim. Mas os pastores, esses não aceitaram nada bem.

**Bia Guimarães:** Quem mais torceu o nariz pr"O Exorcista" em Panambi foram os pastores das igrejas protestantes.

Na verdade, nos Estados Unidos, os protestantes também fizeram muito barulho contra o filme. Talvez até mais do que os católicos. E até no Vaticano, os líderes católicos não deram muita bola, não.

Os produtores do filme tavam até torcendo pro Papa se pronunciar contra ele, pra dar mais lbope, mas não – parece que uma parte da igreja católica até curtiu um pouco. E meio que faz sentido, né? Levando em conta a história...

Se você não assistiu "O Exorcista", aqui vai um spoiler com prazo de validade vencido há apenas 50 anos.

Depois dos dois padres que tão tentando exorcizar a menina Regan levarem vários olés do sete-peles, o mais velho deles morre de um ataque do coração. E aí o mais novo fica com raiva e parte pra cima da menina/diabo. "Ah, meu querido, você vai sair desse corpo nem que seja no soco". E o padre começa a gritar: "Vem pra mim! Pega eu!"

***Padre Karras: Come into me! Take me!***

**Bia Guimarães:** Pro coisa-ruim sair da menina e entrar no corpo dele. E dá certo. Aí, num flash de consciência e de coragem, ele *pá*, se joga da janela. Se sacrifica, supostamente levando o diabo junto com ele.

Ou seja, ok, no fim das contas o exorcismo não sai exatamente como planejado, os dois padres morrem, sendo que um deles desce a porrada numa menininha de 12 anos...

Alguns poderiam dizer que esse não é lá um final muito glorioso pra igreja. Sem falar no tanto de palavrão, de blasfêmia e de mensagem sexual que o filme tem.

Maaas, apesar de tudo isso, os padres meio que são os heróis do filme, né? E são os ritos católicos que tão ali, em latim e tudo.

Tudo isso pra dizer que não é tão surpreendente assim que o padre de Panambi não tivesse chiado com a chegada do filme.

Agora, com os pastores protestantes, foi diferente. E já já você vai entender porque que nessa cidade isso não era pouca coisa, não.

O movimento anti-Exorcista de Panambi contava com representantes da Igreja Luterana, da Igreja Batista, da Metodista e da Congregacional. E eles começaram uma verdadeira campanha contra a exibição do filme, com o pretexto de proteger as boas almas panambienses.

**Ariel Engster:** O que tudo foi feito nessa campanha já é uma coisa meio obscura, assim. Tem vertentes e vertentes que contam essa história, dependendo de quem está falando, assim. Então, dizem que foi feito uma sabotagem para acabar com a luz da cidade no momento em que se exibia o filme – que é uma história que eu nunca consegui verificar e nunca teve muitas confirmações se de fato aconteceu.

**Eliane de Mello:** Eles tentaram pagar para o Walter Furtado não, não mostrar o filme. Mas ofereceram pouco, aí ele não aceitou.

**Bia Guimarães:** Os valores e termos dessa suposta tentativa de negociação também são incertos.

**Eliane de Mello:** Teve campanha com panfleto na cidade para que as pessoas não assistissem esse filme, não vissem...

**Ariel Engster:** Se distribuiu pela cidade vários panfletos que diziam coisas mirabolantes assim, sobre como esse filme estava fazendo pessoas terem ataques cardíacos, pessoas terem ataques epiléticos... Várias coisas estavam acontecendo.

**Bia Guimarães:** Eles diziam coisas como "quem avisa amigo é", e que a história era "um escárnio e distorção de uma realidade espiritual cristã desde a vinda de Cristo até hoje, uma cilada diabólica".

É difícil saber certinho quantos panfletos foram distribuídos. Tinha quem falasse em 50 mil – o que seria bem mais do que a quantidade de gente morando em Panambi na época. Já a versão dos pastores era de que não passavam de uns 3 mil papéis, no máximo assim uns 5 mil.

Mas, mesmo que você não cruzasse com essa campanha nas ruas, ela podia chegar até você pelo rádio.

**Ariel Engster:** Até hoje, lá em Panambi, cada igreja tem o seu programa de rádio. Então o pessoal acorda, faz o mate, liga o rádio, vai ouvir o programa da igreja. E eles aproveitaram esse espaço das igrejas, das rádios, para também atacar a exibição do filme d'"O Exorcista".

**Bia Guimarães:** E, claro, dá pra imaginar que os pastores aproveitavam os cultos pra isso também.

Digamos que eles pareciam realmente empenhados em impedir que o filme fosse exibido na cidade.

Coitados. Mal sabiam eles que o primeiro mandamento do terror é: quanto mais gente falando pra não ver, é aí que a gente vai querer ver!

Não tem nada mais sedutor num filme de terror que criança chorando, adulto correndo, idoso desmaiando, grávida passando mal...

Enfim, a gente já volta nessa parte pra entender que fim deu essa campanha.

Acontece que o ponto chave dessa história foi outra coisa. Porque, na verdade, "O Exorcista" caiu de paraquedas numa briga bem mais antiga que o filme. E bem maior que o Walter Furtado e que os pastores de Panambi.

Panambi nem sempre se chamou Panambi. A origem da cidade tá numa colônia de imigrantes alemães chamada Neu-Württemberg – espero ter falado certo.

**Rosane Neumann:** A colônia Neu-Württemberg.

**Bia Guimarães:** Eu pedi pra Rosane Neumann, que é historiadora, me levar pro passado de Panambi porque a origem da cidade não faz parte só do trabalho dela, mas da vida dela também.

**Rosane Neumann:** Eu nasci e morei a vida inteira em Panambi e a minha família lá é toda descendente de migrantes internos.

**Bia Guimarães:** A Rosane tava fazendo a pesquisa de doutorado dela quando a Eliane tava no mestrado. As duas fuçaram documentos juntas, entrevistaram gente da cidade... Mas o interesse da Rosane tava mais na formação daquela comunidade.

Ela me contou que a colônia começou a se formar na virada do século 19 pro século 20 por alemães que já tavam morando no Brasil, vindos de outras colônias do Rio Grande do Sul. Por isso que a Rosane disse que é descendente de migrantes internos.

**Rosane Neumann:** Eles já são abasileirados, eles já são nacionalizados em grande parte, já perderam muito dessas raízes alemãs ou desse idealismo alemão.

**Bia Guimarães:** Mas, apesar deles já tarem no Brasil há um tempinho, existia nessa comunidade um projeto muito forte de resgate das origens germânicas.

**Rosane Neumann:** Panambi se constrói como uma colônia que tem a ideia de ser a mais alemã do Rio Grande do Sul.

**Bia Guimarães:** A língua, a vida social, o trabalho, as atividades de lazer, a comida, a arquitetura... tudo girava em torno da cultura e dos valores alemães.

**Rosane Neumann:** Quer dizer, vai se criar toda uma estrutura para tornar esses alemães – lembrá-los novamente: "Nós somos alemães, nós temos uma cultura alemã. Karl não é Carlos".

**Bia Guimarães:** E tinha dois pilares principais pra fazer isso acontecer.

**Rosane Neumann:** Pela igreja e pela escola.

**Ariel Engster:** Eles vão trazer professores da Alemanha para dar aula aqui, as aulas eram em alemão. A igreja era a igreja alemã, com cultos ministrados em alemão, por pastores que vieram da Alemanha.

**Bia Guimarães:** A cidade acabou mudando de nome nos anos 30, e virou "Panambi" por pressão da campanha de nacionalização do Getúlio Vargas. Mas essa identidade alemã ficou – mesmo depois da Segunda Guerra Mundial.

**Eliane de Mello:** E eu cresci ouvindo minha mãe falar que alemão era melhor que brasileiro.

**Bia Guimarães:** A família da Eliane não era de origem alemã...

**Eliane de Mello:** Nós somos luso mesmo. Nós somos "os outros".

**Bia Guimarães:** Mas a mãe dela repetia uma ideia que era comum por lá.

A ideia de que se eles – os "lusos" ou os "brasileiros" –, se eles quisessem arrumar um emprego bom e crescer na vida, eles tinham que ser iguais aos alemães. Os alemães é que eram trabalhadores, organizados... Tinha até uma empresa da cidade que recrutava trabalhadores direto da igreja Batista, que era vista como uma "igreja de alemães".

E agora que a gente pisou de novo na igreja, dá pra voltar pra briga d'"O Exorcista".

Na época que o filme pousou em Panambi, a cidade tava crescendo. Tava vindo muita gente de fora pra conseguir emprego nas fábricas, que tavam a todo vapor.

Com esse fluxo de migração – que em boa parte era de pessoas sem ascendência alemã – o clima de "nós versus os outros" piorou.

Não era um conflito só de origens, mas era entre quem já tava ali, encaixado no modo de vida de Panambi – que, sim, era muito regido pelos costumes germânicos

em termos de trabalho, de religiosidade –, e quem tava chegando agora, com outro jeito de tá no mundo.

**Eliane de Mello:** Mas a religião, ela vai ditar os dogmas daqui de Panambi, de como que você deve ser, como que você deve agir, e de como esses migrantes que estão chegando aqui devem se comportar.

**Bia Guimarães:** Só que, pros forasteiros que tavam chegando, esse código de ética não fazia nenhum sentido.

**Eliane de Mello:** Eles não estão conseguindo mais controlar quem chega, quem vai, e como é que essas pessoas vão viver, como é que não vão viver.

**Bia Guimarães:** E é no meio desse conflito que o filme d'"O Exorcista" cai de paraquedas.

**Eliane de Mello:** A Igreja Batista vai ser uma das que mais vai liderar esse movimento contra o Walter Furtado, né?

**Bia Guimarães:** A Igreja Batista não só era uma das igrejas "dos alemães" e uma das comunidades mais fortes de Panambi, mas também a mais conservadora.

**Eliane de Mello:** A Igreja Batista vai ficar muito revoltada, e não quer que seja divulgado esse filme, porque é um filme que, segundo eles, é um filme herege que vai falar contra Deus, que vai falar coisas do sobrenatural que não vão de acordo com a Bíblia.

**Bia Guimarães:** Só que, a essa altura, já tinha gente do lado dos outsiders incomodada com o controle das igrejas protestantes sobre a vida da cidade. Nos empregos, nos costumes... e agora até no filme que podia ou não podia passar no cinema.

**Eliane de Mello:** Então, pra quem era de fora, ficou muito claro que era a cultura alemã tentando se impor aqui e tentando manifestar o seu poder, não deixando o filme acontecer.

**Bia Guimarães:** A rusga entre "nós e os outros" em Panambi foi tanta que chamou a atenção da imprensa de Porto Alegre. O jornal Zero Hora mandou repórteres pra lá e publicou pelo menos duas matérias em outubro de 75 sobre o bafafá do Exorcista em Panambi.

**Eliane de Mello:** "Estopim aceso nessa cidade que ainda vive a Neu-Württemberg".

**Ariel Engster:** "A cidade que está presa em Neu-Württemberg".

**Eliane de Mello:** Tem uma fala de um de um entrevistado lá, que daí o jornalista pergunta pra ele o que ele acha, né, do que estava acontecendo e tal. E daí ele fala: "Bom, esses alemão, eles precisam se convencer que não mandam mais na cidade". Que é o que acabou sendo o título da minha dissertação também. Eles não mandam mais na cidade. "A gente vai olhar o filme que a gente quiser olhar, a gente vai comer o que a gente quiser comer, a gente vai trabalhar onde a gente quiser trabalhar, e eles vão ter que engolir nós". É mais ou menos essa mensagem.

**Bia Guimarães:** A briga já não tinha mais nada a ver com o filme. Na real... ela nunca teve, né?

Era um conflito de uma cidade lidando com o medo da perda do controle. Com o pânico que vem quando o familiar se torna estranho. Você quer expulsar aquilo que não te pertence. Só que quem determina, afinal, o que – e quem – pertence a um lugar?

**Eliane de Mello:** Só que daí, quando começaram a fazer a campanha de que era proibido, que era um filme do mal, os outros, os que eram de fora, "não, pera aí, eu preciso ver esse filme", né?

**Ariel Engster:** Então é feito toda essa comoção, toda essa campanha, tudo pra evitar que as pessoas vão pro cinema e o resultado final é: sessões lotadas no Cine Metro para assistir "O Exorcista". Inclusive dizem que o padre da Igreja Católica esteve numa das sessões.

**Bia Guimarães:** A chegada d'"O Exorcista" foi um sucesso. É difícil a gente saber até que ponto o filme teria atraído toda essa gente de qualquer jeito, ou se a campanha dos pastores acabou, sem querer, atijando ainda mais a curiosidade das pessoas pra ver o filme. Mas é engraçado pensar que pelo menos uma parte delas pode ter ido no cinema só de birra.

**Ariel Engster:** Quem estava insatisfeito com a igreja, quem estava brabo com os alemão que mandam na cidade, foi assistir o seu filme, lá foi assistir "O Exorcista".

**Bia Guimarães:** O pai da Eliane, que nem tava tão comprometido com o viés ideológico do bafafá, digamos assim, e que nem gostava tanto de cinema...

**Eliane de Mello:** Ele gostava mais de futebol, mas ele lembra. Ele me disse "Nah, eles não queriam, mas a gente foi lá e olhou".

**Bia Guimarães:** Ele não tava exatamente na turma que foi de birra, mas ele foi de curioso.

Olhando assim, parece que o cinema, a igreja católica, os luso-brasileiros e os forasteiros ganharam essa luta, né? Mas, conversando com a Rosane, eu entendi que essa vitória não foi tão cravada assim. A família dela, por exemplo, não ficou nem sabendo dessa briga na época.

**Rosane Neumann:** Quer dizer, o colono da colônia que mora lá no interior, na zona rural, ele não vai ao cinema.

**Bia Guimarães:** Como bom município do interior, Panambi tem uma parte considerável da população morando na zona rural – que na época era ainda maior. E, claro, também tinha uma parte da população urbana que não tinha acesso ao cinema, ou o hábito de ir no cinema. Pra boa parte das pessoas, essa briga tava passando totalmente ao largo.

Eu fui atrás dessa história atizada pela ideia de um filme de terror rachando uma cidade no meio. Mas, no fim, a gente não tá falando da cidade inteira, né? A gente tá falando de uma pequena elite...

**Rosane Neumann:** Urbanizada e ali muito religiosa, é um pequeno grupo...

**Bia Guimarães:** É... talvez esse racha não tenha sido tão grande quanto eu quis acreditar.

Mas essa pequena história, nesse microcosmo da zona urbana de Panambi, me lembrou o quanto o cinema de terror é, por definição, rebelde.

É um tipo de filme pensado pra desafiar o público. E aí, vai assistir? Vai aguentar até o final?

E quem dita essas respostas, mais que a igreja ou outras instâncias de poder... é o nosso próprio medo. Aliás, até hoje a Eliane não viu "O Exorcista".

**Eliane de Mello:** Eu não, eu tenho medo [risos]. Eu não gosto de filme de terror.

**Bia Guimarães:** Ela teve coragem de cutucar a ferida de Panambi e de escrever uma dissertação sobre isso. Mas encarar mais de duas horas de uma menina estrebuchando com gritos demoníacos, vomitando verde e com a cabeça girando 360 graus, aí já é demais.

**Eliane de Mello:** Eu acho que eu ia fazer campanha para não olhar também [risos].

---

**Branca Vianna:** Essa história foi produzida pela Bia Guimarães.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Na página desse episódio no site da Novelo, dá pra conferir todas as provas anexadas nas denúncias contra os gatos do Arquivo Nacional, assim como provas da fofura felina do Salomão e companhia. E tem também o link pra dissertação de mestrado da Eliane, que pesquisou o caso d'"O Exorcista" em Panambi.

Você sempre pode aproveitar que tá no site pra se inscrever na nossa newsletter, que chega toda quinta-feira com uma apresentaçõzinha do episódio novo e uma dica de alguém da nossa equipe – os filmes, os livros, os podcasts, os discos, e até as receitas que tão fazendo a cabeça do pessoal da Novelo.

Você também pode seguir o Radio Novelo Apresenta na plataforma onde você tá ouvindo esse episódio: se inscrever no canal da Novelo no YouTube, seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, favoritar na Deezer... Desse jeito você não perde nenhum episódio. E sempre dá pra dar cinco estrelas pra gente na Apple ou no Spotify.

Pra falar com a gente, é só marcar @radionovelo no Twitter ou no Instagram, ou mandar email pro [apresenta@radionovelo.com.br](mailto:apresenta@radionovelo.com.br).

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A produção executiva é da Marcela Casaca, e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

O Rádio Novelo Apresenta é feito pela Natália Silva, o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel, a Carol Pires, a Bárbara Rubira, a Júlia Matos, a Ashiley Calvo e a Carolina Moraes.

A checagem deste episódio foi feita pela Caroline Farah e pela Ana Rita Cunha.

Nesse episódio, a gente usou música original de Arthur Kunz, e também da Blue Dot.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

E a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.